

Práticas de leitura em sala de aula: potencialidades do *podcast*

Reading practices in the classroom: the potential of podcasts

Prácticas de lectura en el aula: el potencial de los *podcasts*

VANESSA DA COSTA VIEIRA KLÜSENER¹

JULIANA SALES JACQUES²

RESUMO: O avanço tecnológico afetou o processo de ensino-aprendizagem, e atividades elementares como a leitura em sala de aula parecem ainda menos interessantes para alguns estudantes. Porém, essas inovações tecnológicas fazem parte do desenvolvimento social, não devendo serem tratadas como concorrência ao ensino. É necessário aproximar as práticas usuais da educação a essas tecnologias. A utilização de ferramentas como o *podcast* pode ressignificar a leitura literária, contextualizando-a em atividades interativas e de interesse dos alunos. Este trabalho reflete sobre as possibilidades de ensino a partir da realização de aulas de leitura contextualizadas, que possibilitem o desenvolvimento de habilidades dos alunos em seus mais diversos aspectos. Analisa-se a sequência de produção de um *podcast* como potencializadora da leitura em sala de aula e como possibilidade de atividade autoral. Concluindo, pontua-se sobre a eficácia do uso de ferramentas digitais nas aulas de leitura e sobre algumas sugestões de melhoria para sua utilização.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura em sala de aula; letramentos digitais; *podcast*.

ABSTRACT: Technological advances have affected the teaching-learning process, and elementary activities such as reading in class became less interesting to some students.

1. Universidade Aberta do Brasil/Universidade Federal de Santa Maria.
2. Departamento de Administração Escolar (ADE) do Centro de Educação (CE) da Universidade Federal de Santa Maria.

However, these technological innovations are part of social development and should not be treated as competition for teaching. It is necessary to bring the usual educational practices closer to these technologies. Tools such as podcasts can improve a new meaning to literary reading, contextualizing it in interactive activities that are interesting for students. This paper reflects on the teaching possibilities based on contextualized reading classes that enable the development of students' skills in their most diverse aspects. The sequence of production of a podcast is analyzed as a potentializer of reading in the classroom and as a possibility of authorial activity. In conclusion, the effectiveness of the use of digital tools in reading classes is highlighted, as well as some suggestions for improving their use.

KEYWORDS: Classroom reading; digital literacies; podcast.

RESUMEN: Los avances tecnológicos han afectado el proceso de enseñanza-aprendizaje, y actividades elementales como la lectura en clase parecen aún menos interesantes para algunos estudiantes. Sin embargo, estas innovaciones tecnológicas son parte del desarrollo social y no deberían tratarse como competencia a la educación. Es necesario acercar las prácticas educativas habituales a estas tecnologías. El uso de herramientas como los podcasts puede dar un nuevo sentido a la lectura literaria, contextualizándola en actividades interactivas que sean de interés para los estudiantes. Este trabajo reflexiona sobre las posibilidades de enseñanza a partir de clases de lectura contextualizadas que posibiliten el desarrollo de las competencias de los estudiantes en sus más diversas vertientes. Se analiza la secuencia de producción de un podcast como forma de potenciar la lectura en el aula y como posibilidad de actividad autorial. A modo de conclusión, destacamos la efectividad del uso de herramientas digitales en las clases de lectura y algunas sugerencias para mejorar su uso.

PALABRAS CLAVE: Lectura en el aula; alfabetizaciones digitales; *podcast*.

INTRODUÇÃO

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra.”

Paulo Freire

Em um mundo complexo, com muitas informações e possibilidades propiciadas, principalmente, pela internet – desenvolver atividades pedagógicas que engajem e sejam significativas e contextualizadas aos alunos é um desafio muito grande ao professor. Considerando a realidade da rede pública de ensino, na qual a escassez de recursos financeiros traz consigo ambientes fisicamente desgastados, professores mal

remunerados e, por consequência, um cenário que desestimula o aprendizado, é fundamental buscar meios factíveis de reverter este quadro. Neste contexto, este trabalho busca analisar a possibilidade do desenvolvimento da leitura em sala de aula com o uso de ferramentas digitais como o *podcast*. Diante da importância da leitura em sala de aula, este trabalho busca maneiras pelas quais essa atividade pode ser implementada por meio de ferramentas digitais que contemplem, também, o desenvolvimento escrito e oral do estudante. Esta pesquisa parte da hipótese de que o *podcast*, um instrumento atual e universalmente acessível, tem potencial para estimular o hábito e gosto pela leitura e pode ser trabalhado no cotidiano escolar, inclusive das escolas públicas. As reflexões deste trabalho resultam da experiência de dinamização de uma sequência didática nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II, em uma turma do 9º ano, durante a prática de estágio na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado II do curso EAD Letras Português e Literaturas, da Universidade Federal de Santa Maria.

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) apresenta orientações bem definidas para serem desenvolvidas ao longo dos Anos Finais do Ensino Fundamental, cuja complexidade aumenta de maneira a fortalecer a autonomia dos alunos, e promover o estímulo à reflexão e análise aprofundada, contribuindo, assim, para uma “atitude crítica [do adolescente] em relação ao conteúdo e à multiplicidade de ofertas midiáticas e digitais” (BNCC, 2018, p. 61). Ainda nesse documento, consta:

Contudo, também é imprescindível que a escola compreenda e incorpore mais as novas linguagens e seus modos de funcionamento, desvendando possibilidades de comunicação (e também de manipulação), e que eduque para usos mais democráticos das tecnologias e para uma participação mais consciente na cultura digital. Ao aproveitar o potencial de comunicação do universo digital, a escola pode instituir novos modos de promover a aprendizagem, a interação e o compartilhamento de significados entre professores e estudantes. (BNCC, 2018, p. 61)

Em contraponto, observa-se na prática escolar algumas poucas iniciativas de aulas de leitura na disciplina de Língua Portuguesa. De maneira silenciosa ou coletiva, a prática de leitura é a base para construção de uma atitude crítica e reflexiva – bem como para desenvolvimento de habilidades de escrita e oralidade. Seja em decorrência da falta de tempo em aula, de material ou estrutura, o fato é que o hábito de ler na escola é cada vez menor e, quando realizado, ocorre de maneira descontextualizada, sendo priorizados gêneros do discurso que “caibam” no livro didático:

contos pequenos ou partes deles; tirinhas, anúncios, links para vídeos, dicas de filmes e dicas de livros (aos quais os alunos possuem pouco ou nenhum acesso).

Porém, se a realidade é desafiadora, requer que o professor de Língua Portuguesa busque recursos e alternativas para que aulas de leitura tenham, de fato, a importância que possuem e que, certamente, contribuirão na formação de jovens leitores críticos e sensibilizados frente a essa realidade. Para contribuir com a prática de leitura, o uso de ferramentas digitais como o *podcast* pode angariar novos leitores e gerar interesse pela literatura.

Dessa maneira, este trabalho propõe-se tecer reflexões sobre ferramentas digitais (com o foco no uso do gênero *podcast*) que contribuam para a leitura efetiva em sala de aula, especialmente voltadas para alunos do Ensino Fundamental II, em aulas de Língua Portuguesa. A justificativa desta escolha se dá pelas vivências em estágio e, a partir delas, pelas percepções quanto à necessidade de realizar a leitura em sala de aula como forma de interação autor-texto-leitor, além da própria interação com o professor; de desenvolver atividades contextualizadas e de significância ao aluno, promovendo seu crescimento como cidadão, bem como sua criticidade em relação a assuntos pertinentes ao seu cotidiano.

O desenvolvimento de atividades que aprimorem e estimulem a leitura em sala de aula, especialmente a produção de um *podcast* (bem como todas as atividades desenvolvidas em sua produção), é o objeto de discussão deste trabalho.

O texto, em sua sequência, será constituído pela Revisão Bibliográfica, sendo esta dividida em duas partes. Na primeira, “As aulas de Português: um mundo de possibilidades”, há a abordagem das teorias sobre a concepção interacionista da língua e a perspectiva crítica do ato de ler; na segunda parte, “Gêneros textuais e Letramento digital”, referenda-se esses dois conceitos. Além disso, este trabalho também é composto pelos tópicos Metodologia, Resultados e Discussão e Considerações Finais.

AS AULAS DE PORTUGUÊS: UM MUNDO DE POSSIBILIDADES

O cotidiano escolar é repleto de ambiguidades e contradições que, se incorporados à atividade docente, propiciam o sentido contextualizado às aulas. O professor deve estar atento e, de fato, presente – integrado ao ambiente escolar –, assumindo a inquietude dos alunos como sendo sua também. Para Antunes (2003, p. 14-15), vivenciamos um momento nacional de luta, de renovação e mudança a favor de um exercício cada vez mais pleno da cidadania. Portanto, o perfil ideal de um professor de Língua Portuguesa

não deve se abster a esse contexto – devendo, assim, “contribuir significativamente para que seus alunos ampliem sua competência no uso oral e escrito da língua portuguesa”.

Ainda em sua obra, Antunes (2003, p. 42) pontua sobre a necessidade de se discutir sobre a concepção interacionista, funcional e discursiva da língua, pois é dela (desta concepção) que “deriva o princípio geral de que *a língua só se atualiza a serviço da comunicação intersubjetiva, em situações de atuação social e através de práticas discursivas, materializada em textos orais e escritos*” (grifo da autora). Nesse processo, a leitura na aula de Língua Portuguesa pode ser considerada como a base para atividades de produção escrita e oral, promovendo interação entre os sujeitos (autor/leitor), já que supõe mais que uma simples decodificação – o leitor, com uma participação ativa, é sujeito que recupera conteúdos, interpreta-os e (espera-se) compreenda a intenção do autor. Mais que a apresentação da leitura como prazer estético, o professor deve instigar o aluno na interação com o texto, corroborando para que a contextualização deste seja percebida pelo estudante – gerando, assim, sentido à atividade de leitura.

A partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), os gêneros são a base de estudo e do desenvolvimento de projetos em sala de aula, contribuindo com o progressivo letramento dos alunos em seus mais diversos aspectos. Isso corrobora na percepção de que, para além do conteúdo do currículo escolar, é necessário que o professor desempenhe práticas que ampliem percepções, dando significado ao que se é estudado e “[sabendo] dominar a difícil tarefa de definir quais são as práticas significativas para o aluno participar na escola, uma vez que, em suas atividades diárias, está inserido nas mais variadas formas de “leituras” em uma sociedade tecnológica, interativa e letrada.” (SOCORRO, 2012, p. 18).

Para Rojo (2000, p. 9), os PCNs são “um avanço considerável nas políticas educacionais brasileiras em geral e, em particular, no que se refere aos PCNs de Língua Portuguesa, nas políticas linguísticas contra o iletrismo e em favor da cidadania crítica e consciente.” Mesmo com esses parâmetros e referenciais, a autora reitera sobre a necessidade da construção dos próprios currículos para o Ensino Fundamental, de maneira que sejam adequados às características locais – ou seja, contextualizados à realidade dos estudantes. Percebe-se, assim, o papel do professor como mediador do ensino, adequando as necessidades de ensino ao contexto cultural e social ao qual está inserido.

Em uma perspectiva crítica sobre o ato de ler, torna-se evidente que sua importância vai além da alfabetização. Para Ferrarezi e Carvalho (2017, p. 43), há três fases de desenvolvimento da leitura, permeadas pela capacidade leitora de cada idade escolar:

- ✓ Anos Iniciais do Ensino Fundamental – o prazer: desenvolvimento do sujeito leitor. A criança não deve ser submetida a avaliações racionais e teóricas do processo de leitura;
- ✓ Anos Finais do Ensino Fundamental – o prazer e a intuição: avanço nas habilidades de leitura, com questionamentos que interpelam sobre a intuição e descobertas do aluno;
- ✓ Ensino Médio – o prazer, a intuição e a teoria: é a fase mais complexa, pois é quando as tipologias e as formalidades ganham espaço, racionalizando e teorizando aspectos do texto lido. A produção de texto nesta fase pode ser de uma riqueza muito grande, pois é quando o aluno pode desenvolver suas habilidades de intuição e argumentação, além da técnica e características da produção textual a ser realizada.

Esta organização contribui para se compreender o hábito de leitura como processo, tendo a escola um papel fundamental, já que é a partir dela que um novo mundo é apresentado à criança: um mundo que vai além de sua casa, de seus familiares, de suas dificuldades ou mordomias. Para Cosson (2022, p. 17):

Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço da nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção. (COSSON, 2022, p. 17).

Sendo a leitura parte da construção de nós mesmos, como não a desenvolver de maneira adequada em sala de aula, já que é a escola a mentora nessa apresentação de “um novo mundo”? E, ainda, porque não apenas “ler” textos literários, sem uma análise mais aprofundada – ou seja, ler somente pela fruição do ato? Para Cosson (2022, p. 27), não é possível que aceitemos que uma simples atividade de leitura seja considerada como a atividade escolar de leitura literária. O fato é que uma leitura, por si só, não explora mecanismos de interpretação que são primordiais para uma atitude crítica – que é o que buscamos (ou devemos buscar) enquanto educadores:

“No sentido de que lemos apenas com nossos olhos, a leitura é, de fato, um ato solitário, mas a interpretação é um ato solidário.” (COSSON, 2022, p. 27).

Portanto, sob a ótica de entender-se como parte de um processo maior, volta-se para o estudo dos gêneros do discurso, que são a base (como já citado anteriormente) para o desenvolvimento de atividades significativas e contextualizadas em sala de aula. Também se faz necessário esclarecimentos sobre letramento digital, considerando-se sua relevância no desenvolvimento desta pesquisa.

GÊNEROS DO DISCURSO E LETRAMENTO DIGITAL

Dada a importância dos gêneros no processo de ensino-aprendizagem, e no desenvolvimento de habilidades de leitura, escrita e oralidade, cabe tecer reflexões sobre sua definição. Segundo Bakhtin (1992), os gêneros textuais apresentam-se como gêneros do discurso e são relativamente estáveis, pois podem sofrer modificações de acordo com a situação comunicativa na qual são empregados. Ainda de acordo com este autor, “se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo de fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível.” (BAKHTIN, 1992, p. 302).

Os gêneros do discurso são enunciados que recebem diversas classificações, e conforme Marcuschi, no artigo “Gêneros textuais: definição e funcionalidade”, eles surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais e na relação com as inovações tecnológicas. De acordo com ele,

Isto [a explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação] é revelador do fato de que os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais. (MARCUSCHI, artigo digital, p. 1).

Mesmo com o debate e estudo aprofundados para realização de uma classificação dos gêneros, o intuito deste artigo não é adentrar em sua conceituação mais teórica e, sim, enaltecer sua função comunicativa, com base no objetivo do falante e na natureza do assunto a ser tratado – no caso, pelos *podcasts* produzidos. Essa observação é importante para esclarecer a linha teórica deste estudo, com o foco no

uso, na produção e na aplicação do gênero do discurso *podcast* no contexto escolar – alinhados a uma atividade de leitura em sala de aula. Atentando para esta questão, faz-se necessário referendar a expressão letramento digital.

É sabida a diferença entre alfabetização e letramento. Cabe, mesmo assim, ressaltar: no Pequeno Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa consta o seguinte significado do termo alfabetização (2015, p. 40): “1. Ato ou efeito de alfabetizar, de ensinar as primeiras letras”. Ora, se cabe à alfabetização a iniciação e reconhecimento das letras, qual o sentido da designação de letramento? Para Soares e Batista (2005, p. 50), este conceito designa “o conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades envolvidos no uso da língua em práticas sociais e necessários para uma participação ativa e competente na cultura escrita.” Pode-se estender esse conceito, atribuindo relevância não somente à cultura escrita – já que tratamos letramento como uma competência de uso da língua em seu contexto social, que é bastante amplo. Assim, podemos concluir que o letramento envolve o uso prático da leitura, escrita e oralidade em um dado contexto.

A diferenciação dos conceitos, no entanto, não trata da indissociabilidade de ambos (alfabetização e letramento), especialmente na prática escolar. Soares e Batista citam (2005, p. 54):

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita se dá simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização –, e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a linguagem escrita – o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização se desenvolve no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só pode desenvolver-se no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema grafema, isto é, em dependência da alfabetização.”

A distinção acima faz-se necessária para se avançar no conceito de letramento, ampliando para os multiletramentos e sua aplicação no contexto escolar. Para Rojo e Moura (2012 p. 8), trabalhar com multiletramentos em sala de aula requer (normalmente) o uso de tecnologias de comunicação e de informação (novos letramentos). Os autores afirmam ainda que a principal característica do trabalho

desenvolvido sob esta perspectiva é o reconhecimento das culturas de referência do alunado e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, na busca por um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático de textos/discursos que ampliem o repertório cultural na direção de outros letramentos – valorizados ou desvalorizados. Retornamos, assim, ao que já foi pontuado: é fundamental que o professor considere os conhecimentos já adquiridos dos alunos e os utilize nas atividades propostas, gerando significação ao aprendizado.

A diferenciação entre os tipos de letramentos traz consigo a possibilidade de analisarmos a complexidade de cada um deles, bem como a aplicabilidade em sala de aula, facilitando na escolha de atividades dependendo do nível e do contexto. Quanto ao conceito de letramentos digitais, Dudeney, Hockly e Pegrum (2016, p. 17) pontuam que são “habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente no âmbito crescente dos canais de comunicação digital.”

Ao citar sobre a evolução das tecnologias no decorrer da história da humanidade (impressão de livros, telégrafo, telefone, televisão, rádio, etc.), Dudeney, Hockly e Pegrum (2016, p. 17) afirmam que “Assim como todas as tecnologias de comunicação do passado, nossas novas ferramentas digitais serão associadas a mudanças na língua, um letramento, na educação, na sociedade.” Novamente, buscamos nas teorias sociointerativas a utilização de ferramentas que renovem e estimulem os estudantes, e que, a partir delas, eles desenvolvam trabalhos autorais e críticos que tenham significância para seus crescimentos pessoais. Na prática, esse crescimento pessoal também se refere aos professores, pois para integrar tecnologias digitais às aulas, é necessário que estejamos, igualmente, alinhados a essas habilidades – e isso requer estudo, pesquisa e formação continuada.

METODOLOGIA

Este trabalho de pesquisa é de natureza empírica e descritiva, tendo como delineamento o levantamento de dados, observação, pesquisa bibliográfica, análise e interpretação do produto final – *podcast*, realizados durante a disciplina de estágio curricular obrigatório da autora. O grupo no qual esse trabalho foi planejado e executado foi uma turma do 9º ano (Ensino Fundamental dos Anos Finais), de uma escola estadual pública, a partir da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado do curso EAD Letras Português e Literaturas, da Universidade Federal de Santa Maria.

O eixo desta metodologia está na análise geral da atividade proposta pela estagiária aos alunos, bem como nos resultados qualitativos obtidos a partir da integração da ferramenta digital *podcast* como potencializadora da leitura em sala de aula, especialmente no que diz respeito ao processo de criação e apropriação do *podcast* no desenvolvimento de uma produção final autoral por parte dos alunos.

A observação é inerente à ação humana. No cotidiano, aprende-se, independentemente da idade, observando a si mesmos e ao outro. Nesta lógica, a primeira etapa metodológica foi a observação dos alunos em um total de 15h/aula (procedimento este requerido como etapa da disciplina de Estágio).

Durante a observação, foi aplicado um questionário investigativo, elaborado com auxílio dos professores orientadores da disciplina de Estágio, para o desenvolvimento da sequência didática, com o objetivo de identificar gostos musicais, estilo, séries, acesso a livros e temática preferida. Alinhou-se isso ao conteúdo que deveria ser abordado em sala de aula: gênero do discurso romance, enquanto narrativa.

O teste para a abordagem do gênero romance foi dado pela professora regente, em uma conversa orientada por uma série de perguntas (questionário disponibilizado pela equipe de professores da disciplina de Estágio). Essas etapas iniciais foram fundamentais para o planejamento das aulas. A partir da etapa de observação, aplicação de questionário e conversa com a professora regente, houve a escolha do gênero *podcast*, amplamente utilizado e reconhecido como ferramenta para retomada do interesse dos alunos pelas aulas de leitura.

A sequência didática formulada para o período de regência (20h/aula) primava pela realização de atividades interativas, para que os alunos pudessem se expressar oralmente. Intercalando leitura coletiva (realizada oralmente) e individual (leitura silenciosa), os alunos foram motivados de maneiras diferentes, buscando a sua aproximação à meta de leitura para as aulas – um livro da Série Vagalume. Mesmo não sendo a escolha de um romance canônico, pela temática e pelo tempo de leitura, este livro foi considerado mais adequado, pois a série – histórica para muitos leitores – comemorava, à época, 50 anos desde o início de sua produção.

Foi adquirido e entregue um livro para cada aluno (foram dois livros diferentes, separando a turma em dois grupos de leitura), e então organizado um cronograma de leitura, estimulando-se que ela se realizasse em sala de aula e em casa. Dentre as atividades de motivação de leitura, é possível citar:

- ✓ Roda de Conversa: questionamentos sobre as percepções iniciais sobre o livro, como “A temática é interessante?”, “Do que se trata?”, “A linguagem é muito difícil?”, “Você encontrou alguma palavra que não entendeu o significado?”, “Quanto personagens possui a trama nessa leitura inicial?”, “Qual o tipo de narrador?”, “Consegue identificar o tempo e espaço em que ocorre a narrativa?”, “Qual o estilo da narrativa?”;
- ✓ Produção textual de acompanhamento da leitura: pequena redação (20-25 linhas) com narração em primeira pessoa (narrador observador), apresentando resumo da leitura realizada (principais protagonistas e acontecimentos, com desfecho e a opinião sobre um possível final para o livro). Escrita compartilhada entre os colegas, que fizeram apontamentos e emitiram uma avaliação;
- ✓ Realização de um “Quiz de Leitura” para acompanhamento da meta estipulada e para verificar se o livro estava sendo, de fato, compreendido pelos alunos: aqueles que acertavam as perguntas, ganhavam alguns brindes adquiridos pelas estagiárias (material escolar).

Com a leitura realizada, foi solicitado que os alunos escrevessem um roteiro para a realização de um *podcast* com assunto livre, mas pautado por: leitura realizada em aula (livro de romance); algum livro que tenha sido significativo para eles; entrevista com um autor ou com alguém que trabalhasse em biblioteca ou editora; alguma outra narrativa que fosse do gosto deles. A partir disso, os alunos receberam algumas orientações teóricas sobre o gênero *podcast*; fizeram exercícios de vocalização para uma articulação adequada da voz para a gravação; desenvolveram um roteiro (escrita e reescrita); treinaram para a gravação do *podcast*, verificando se o tempo de fala estava adequado ao que fora proposto como entrega da atividade; realizaram a gravação em si; entregaram e compartilharam seu *podcast* final entre a turma.

Esta dinâmica estabelecida (observação, aplicação de questionário, escolha de um livro, leitura em sala de aula, redação, quiz de leitura, treino de oralidade, redação do roteiro, gravação do *podcast* e apresentação) é analisada qualitativamente neste artigo sob a ótica da revisão bibliográfica, verificando o alcance, ou não, do objetivo do trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a observação prévia da rotina escolar percebeu-se um grupo predisposto a conversas e ao uso de celulares. Isso se deu na maior parte do tempo,

com poucas interferências da professora regente. A aplicação de questionário investigativo com os alunos e conversas com a coordenação pedagógica e com a professora regente permitiram a identificação de aspectos importantes do perfil da turma, para além da observação da dinâmica diária.

Foi observada a diversidade em preferências musicais, assuntos diversos e atividades de lazer, ponto que pode ser considerado positivo para o *podcast*, uma vez que é justamente essa diversidade uma característica dessa ferramenta. Sendo uma turma com perfil comunicativo, priorizaram-se atividades que desenvolvessem a oralidade. Ainda assim, sob orientação da professora regente, manteve-se a necessidade de trabalhar o gênero romance. O questionário confirmou uma realidade na escola: o acesso a livros era pouco (senão mínimo), pois não havia uma biblioteca estruturada (e por esse motivo foi necessária a compra dos livros para distribuição aos estudantes).

Durante as dinâmicas aplicadas, houve o compartilhamento dos conhecimentos que os alunos já possuíam, dando voz aos seus interesses, possibilitando revisão, compartilhamento das produções escritas, flexibilidade de entrega da tarefa (já sendo uma prática da professora regente), rodas de conversas, tempo livre para leitura em sala de aula – em voz alta ou não. Quanto ao conteúdo teórico, não houve o uso de livro didático – dando mais liberdade na realização das tarefas e para que os alunos pudessem exercer suas autonomias e criatividade.

Os livros selecionados foram, de modo geral, bem aceitos (com algumas críticas sobre o tema aventureiro) e houve, de fato, a leitura em sala de aula – mas também ocorreram perda do livro e readequação do cronograma. Uma aluna relatou dificuldade de leitura em casa por conta do trabalho e do fato de ter que cuidar de seus irmãos. Cabe salientar que essa contextualização se faz necessária, pois é a realidade de muitos alunos da rede de ensino pública.

Os estudantes tinham conhecimento do que era um *podcast*. Com variações sobre o formato e o veículo de *streaming* para sua divulgação, adequou-se o que havia sido planejado para a produção, reconhecendo-se o conhecimento digital dos alunos, que contribuíram muito para esta etapa.

A abordagem dessa tarefa final foi projetada por etapas. Foram confeccionados dois materiais impressos que esclareciam questões técnicas de produção de *podcasts*, com características desse gênero do discurso e dicas para produção do roteiro, planejamento e edição. A formação de grupos para a produção final foi definida pela estagiária, com algumas mudanças a pedido dos alunos. O que fora planejado foi posto em prática com adequações, como a antecipação de um dos

materiais impressos, o que contribuiu para a produção do roteiro. Foram 5 horas/ aula para a realização dos podcasts, o que foi satisfatório, pois essa produção era complexa e demandava etapas importantes que precisavam ser cumpridas.

Ao final, foram entregues 4 podcasts concluídos (um dos grupos não entregou). A apresentação para todos os alunos em sala de aula no último dia foi um momento muito especial, no qual eles puderam se ouvir e ver (um dos podcasts foi entregue em formato de vídeo, no Youtube. Os demais, por meio do Spotify ou Google Drive). O intuito inicial era de compartilhar o material nas redes sociais do colégio – mas nem todos os alunos concordaram e alguns não entregaram as autorizações dos responsáveis para divulgação de voz/imagem. Assim, o compartilhamento foi realizado somente entre os alunos.

O conteúdo abordado nas produções atendeu nossa expectativa inicial. Os *podcasts* produzidos pelos alunos foram:

- ✓ Podtec (conteúdo: tecnologia e sociedade): os alunos escreveram um roteiro que tratava sobre o quanto a tecnologia influenciava a sociedade, focando, especialmente, nas redes sociais. Realizaram uma pesquisa e incluíram fontes e dados estatísticos. Foi confeccionado uma logo para compor a divulgação;
- ✓ Lendo o Brasil (entrevista com funcionária da Biblioteca Pública do Rio Grande do Sul): os alunos foram até a Biblioteca para entrevistar uma jornalista, que atua na pesquisa, assessoria de imprensa e organização de exposições. Eles citaram informações sobre a Biblioteca, dados sobre o funcionamento e questionaram sobre importância das bibliotecas públicas, o que os visitantes podem encontrar na Biblioteca Pública (atrações, seções dos livros e acervo). Os alunos também questionaram sobre as preferências pessoais de leitura da jornalista e a programação de eventos na Biblioteca;
- ✓ Mama (resenha sobre o filme que dá nome ao podcast): trata-se de um filme de terror sobre uma tragédia familiar, abordando sobre violência doméstica, depressão e suicídio. Também são abordados temas espirituais de entidades maléficas. O roteiro teve como base essa temática, com uma indicação das alunas para que os ouvintes vissem o filme. No aplicativo escolhido, as alunas incluíram uma trilha sonora;
- ✓ PodGoat (curiosidades sobre o futebol especial Pelé): o aluno realizou o *podcast* em formato de vídeo, com veiculação pelo Youtube. Houve uma pesquisa sobre o Pelé, com um roteiro estruturado sobre sua carreira e com edição de vídeos

- históricos. O aluno, enquanto contava sua história, fazia comentários e relatava sua opinião sobre o talento do pesquisado, incluindo memes e ironia;
- ✓ Podcrime³ (conteúdo relacionado a mistério, tendo como tema a obra de Agatha Christie).

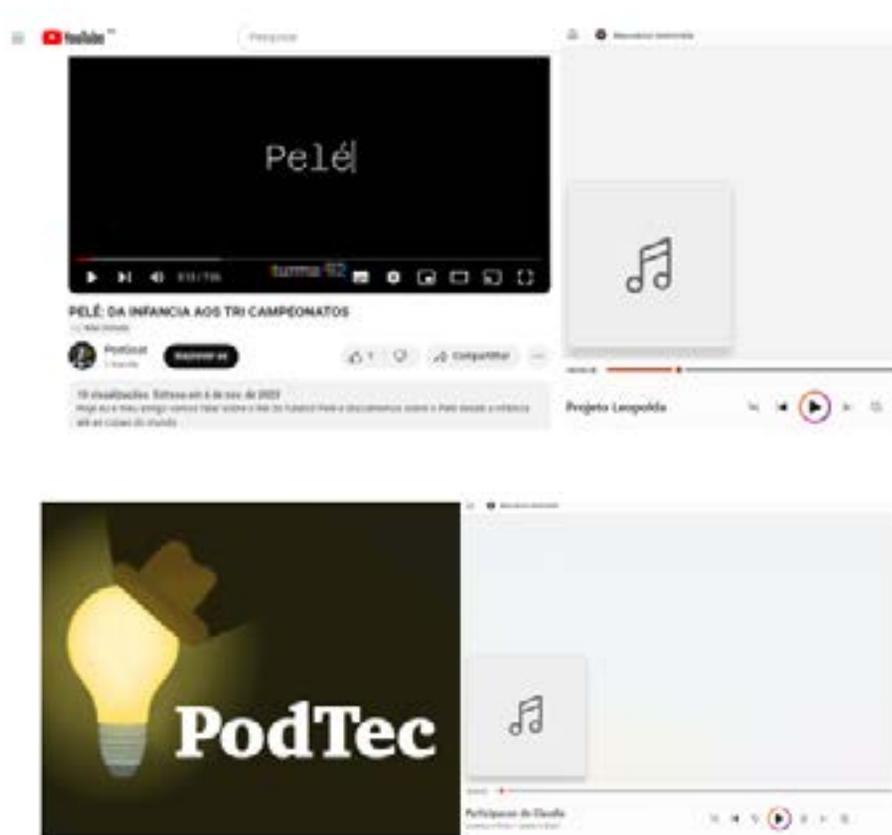


Figura1: Imagem dos podcasts produzidos pelos alunos
Fonte: Arquivo das autoras

Os estudantes demonstraram habilidades digitais e, com seus conhecimentos, trocaram informações valiosas para esta produção final. Acredita-se que, neste ponto, a inserção da ferramenta digital tenha sido muito válida, pois estimulou

3. Podcast final não entregue pelo grupo.

tecnicamente suas competências. Assim, o *podcast* pode ser um aliado às aulas de leitura em sala de aula na medida em que alia leitura (e releitura de um material, por meio de um roteiro) à uma linguagem moderna e digital, que pode ser facilmente compartilhada. Além da leitura e escrita, habilidades na oralidade também são fundamentais na adequação do conteúdo, tornando-o atrativo para quem escuta.

Nesse ponto de análise, cabe ressaltar que algumas adequações ao comando da tarefa poderiam ser realizadas, como, por exemplo, para estímulo à leitura, o foco da produção deveria ter sido as percepções dos alunos quanto ao livro consumido (Série Vagalume). A abertura de outras possibilidades de conteúdo gerou uma amplitude muito grande de assuntos, que deveriam ter sido focados na leitura do livro de romance.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muitas possibilidades de realizar um trabalho efetivamente significativo e contextualizado em sala de aula. É evidente que há grandes desafios e mazelas na Educação Básica do ensino público, mas é a partir desse paradoxo que se pode envolver os estudantes como protagonistas de suas aprendizagens, com participação, raciocínio crítico e atividades apropriadas a suas realidades.

A interação em sala de aula não é um personagem secundário dessa história. É por meio dela que se dá o entendimento mútuo e o alinhamento de expectativas. E se a leitura em sala de aula requer atividades de apoio que interajam com o contexto social dos alunos, que assim seja! As ferramentas digitais não são inimigas e, sim, aliadas do processo ensino-aprendizagem.

A produção de um *podcast* demonstrou eficácia como atividade potencializadora da leitura em sala de aula. Houve especial interesse pela edição e geração de conteúdo. Isso era previsível, considerando o interesse dos alunos pelo celular (observado em sala de aula e atestado por meio do questionário investigativo). Constatou-se, no entanto, uma dificuldade de cumprimento dos prazos de leitura do romance – ainda que houvesse tempo e incentivo para que ela fosse realizada em sala de aula. É possível que a leitura fosse mais relevante aos alunos se houvesse um espaço mais adequado na escola (biblioteca, por exemplo), pois em sala de aula havia muita dispersão e conversas paralelas. Considera-se que um local próprio para a leitura poderia estimulá-los de maneira mais efetiva. Assim, conclui-se que o prazo previsto inicialmente era adequado – porém, a eficiência da leitura em sala de aula não atingiu o esperado.

Visando ao compartilhamento de ideias e aplicação do trabalho citado nesta pesquisa, sugere-se que se aprimore a utilização de outras ferramentas digitais apoiadas na atividade de leitura em sala de aula. Como exemplificação, cita-se algumas propostas, como: produção de games; resenhas por meio de vídeos; uso de plataformas literárias; mapas conceituais ou resumos em ferramentas como o Canva, entre muitas outras possibilidades.

Além disso, tendo como foco o estímulo à leitura em sala de aula, sugere-se que essa atividade seja realizada de maneira “formal”, ou seja, que se torne notório que será concedido um tempo somente para isso – para leitura (oral ou individual), preferencialmente, em um local próprio e acolhedor para este momento especial da aula. Os debates direcionados sobre o andamento da leitura se mostraram eficazes para conferência da realização do que estava sendo lido – e podem ser ampliados. Finalizando, para melhorar a efetividade da utilização do *podcast* como ferramenta, sugere-se que o assunto a ser abordado nessa produção seja o livro em referência, sem abertura de conteúdo diversos (conforme o interesse dos alunos), já que isso pode desviar o foco da importância da leitura do livro.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português** – Encontro & Interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Disponível em: https://oportuguesdobrasil.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/02/livro_bakhtin_estetica_criacao_verbal.pdf. Acessado em: 12 nov. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: 2018.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. 13. reimp. São Paulo: Contexto, 2022.
- DUDENEY, Gavin; HOCKLY, Nicky; PEGRUM, Mark. Trad. Marcos Marcionilo. **Letramentos digitais**. 1. ed. 2. reimp. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- FERRAREZI JR., Celso; CARVALHO, Robson Santos de. **De alunos a leitores: o ensino da leitura na educação básica**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2021.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e textualidade**. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/133018/mod_resource/content/3/Art_Marcuschi_G%C3%AAneros_textuais_defini%C3%A7%C3%B5es_funcionalidade.pdf. Acessado em: 12 nov. 2024.
- MOTTA-ROTH, Desirée; HENGES, Graciela H. **Produção textual na universidade**. 1. ed. 7. reimp. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- ROJO, Roxane (Org.). **A prática de linguagem em sala de aula**. Praticando os PCNs. Edição virtual (pré-print). Editora Mercado de Letras, 2000.

- ROJO, Roxane e MOURA, Eduardo (Org.). **Multiletramentos na escola**. 1. ed. 5. reimp. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- SOARES, Magda e BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Alfabetização e Letramento**: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.
- SOCORRO, Adriana. Formação docente e o ensino dos gêneros do discurso: impasses e possibilidades na compreensão da teoria. *In*: GONÇALVES, Adair Vieira; PETRONI, Maria Rosa (Org.) **Formação inicial e continuada de professores**: o múltiplo e o complexo das práticas educativas. Dourados: Ed. UFGD, 2012.

SOBRE AS AUTORAS

Vanessa da Costa Vieira Klüsener é licenciada em Letras Português e Literatura, pela Universidade Federal de Santa Maria, e bacharela em Comunicação Social – Habilitação Relações Públicas, pela Universidade Federal de Santa Maria.

E-mail: vanessacvklusener@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-6535-4933>.

Juliana Jacques Sales é Doutora em Educação; Professora adjunta do Departamento de Administração Escolar e professora permanente do Programa de Pós-graduação em Educação, do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria.

E-mail: juliana.jacques@ufsm.br.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8372-1900>.

Recebido em 03 de fevereiro de 2025 e aprovado em 27 de fevereiro de 2025.